

Cânone acidental

Sophia de Mello Breyner Andresen

**Excertos escolhidos por alunos da Escola Básica n.º1 de Galinheiras, Lisboa –
Professor Nuno Ventura**

“E viu um grande polvo a rir, um caranguejo a rir, um peixe a rir e uma menina muito pequenina a rir também.”
(*A Menina do Mar*) EB1 das Galinheiras - 3.º ano

“A menina, que devia medir um palmo de altura, tinha cabelos verdes, olhos roxos e um vestido feito de algas encarnadas.” (*A Menina do Mar*) EB1 das Galinheiras - 3.º ano

“—Estou tão feliz, tão feliz, tão feliz! Pensei que nunca mais te ia ver. Sem ti, o mar, apesar de todas as suas anémonas, parecia triste e vazio.” (*A Menina do Mar*) EB1 das Galinheiras - 3.º ano

“—Eu sou uma menina do mar. Chamo-me Menina do Mar e não tenho outro nome. Não sei onde nasci. Um dia uma gaivota trouxe-me no bico para esta praia. Pôs-me numa rocha na maré vazia e o polvo, o caranguejo e o peixe tomaram conta de mim.” (*A Menina do Mar*) EB1 das Galinheiras - 3.º ano

“Se não fossem as fadas que seria de mim?” (*A Fada Oriana*) EB1 das Galinheiras - 3.º ano

“— Mas tu tens duas asas, Oriana. Podes voar por cima dos oceanos e das montanhas. Podes ir ao outro lado do Mundo. Há sempre mais e mais espaço. Imagina como seria bom se viesses. Podias voar muito alto, por cima das nuvens, ou podias voar rente ao mar azul, mergulhando a ponta dos teus pés na água fria das ondas. E podias voar sobre as florestas virgens, e respirar o perfume das flores e dos frutos desconhecidos. Vias as cidades, os montes, os rios, os desertos e os oásis.” (*A Fada Oriana*) EB1 das Galinheiras - 3.º ano

“E quando assim estava a olhar para o peixe viu a sua cara reflectida na água. O reflexo subiu do fundo do regato e veio ao seu encontro com um sorriso na boca encarnada. E Oriana viu os seus olhos azuis como safiras, os seus cabelos loiros como as searas, a sua pele branca como lírios e as suas asas cor do ar, claras e brilhantes.” (*A Fada Oriana*) EB1 das Galinheiras - 3.º ano

“Era um tronco forte, áspero e negro. E Oriana rodeou-o com os seus braços e colou a cara à casca rugosa. Então a árvore baixou-se e, com os seus ramos, pegou nela ao colo. Cobriu-a com a sua folhagem e pôs duas folhas sobre os seus olhos. E Oriana adormeceu.” (*A Fada Oriana*) EB1 das Galinheiras - 3.º ano

“A quinta ficava nos arredores duma cidade. O seu pesado portão era de ferro forjado pintado de verde. Quem entrava via logo uma grande casa rodeada por tílias altíssimas cujas folhas, dum lado verdes e do outro lado quase brancas, palpitavam na brisa.” (*A Floresta*) EB1 das Galinheiras - 4.º ano

“Às vezes passava horas a ler sob o caramanchão onde as flores lilases das glicínias pendiam em grandes cachos perfumados rodeados de abelhas. Ou caminhava devagar na luz verde do parque escutando o rumor das altas copas dos plátanos. E conhecia o lugar onde, escondidos entre as ervas e folhas, cresciam os morangos selvagens”. (*A Floresta*) EB1 das Galinheiras - 4.º ano

“O anão contava-lhe histórias do passado, histórias de moiros, guerreiros, navegadores, princesas e reis antigos. Depois falava dos países distantes: descrevia as caravanas de camelos que atravessam lentamente o grande deserto do Sara e descrevia os Esquimós que vivem no Pólo Norte em casas feitas de gelo.” (*A Floresta*) EB1 das Galinheiras - 4.º ano

P

“O nevoeiro da noite ainda não se tinha levantado e tudo estava envolvido numa grande nuvem branca e suspensa. As árvores pareciam flutuar e o fundo dos caminhos não se via. O ar estava maravilhosamente perfumado a Outono, a maçã e a alecrim.” (*A Floresta*) EB1 das Galinheiras - 4.º ano

“Mal a viu a dez metros de distância o anão rápido e ligeiro saiu de casa. O seu corpo mal se via pois além de ser muito pequeno usava um fato verde que se confundia com os musgos e as folhagens. Corria muito e dando a volta à árvore desapareceu numa moita de canas.” (*A Floresta*) EB1 das Galinheiras - 4.º ano

“— Bem — respondeu ele — nós os anões vivemos quinhentos anos e assim temos tempo de ver muito, ouvir muito, pensar muito. E temos uma grande memória. Quando somos novos, velhos anões contam-nos tudo quanto viram, durante cinco séculos da sua vida. E também nos contam tudo quanto os pais deles lhes ensinaram. Ora um anão que ouve uma coisa fica a sabê-la de cor para sempre. É por isso que eu te posso contar histórias que se passaram há mais de mil anos. Além disso viajamos muito.” (*A Floresta*) EB1 das Galinheiras - 4.º ano

“Fiz a minha descoberta por amor à ciência e não por amor à fortuna. Na próxima quinta-feira vou distribuir o meu oiro todo aos pobres desta cidade. E, mais tarde, quando fizer outras experiências, espalharei o oiro pelos pobres de outras cidades. Assim irei remediando as desigualdades do mundo.” (*A Floresta*) EB1 das Galinheiras - 4.º ano

“Cá fora a cidade continuava em festa, cheia de vaivém de gente, cheia de risos, cantos, balões coloridos, e danças. O fogo de vista erguia no céu o seu grande clarão verde e as lágrimas de luz recaíam lentamente sobre os telhados” (*A Floresta*) EB1 das Galinheiras - 4.º ano.

A Menina do mar (2018). Porto: Porto Editora.

A Fada Oriana (2018). Porto: Porto Editora.

A Floresta (1997). Porto: Figueirinhas.

Excertos escolhidos por alunos do 5.º A, Real Colégio de Portugal – Professora Sandra Gonçalves - Lisboa

“Era uma vez uma fada chamada Oriana. Era uma fada boa e muito bonita. Vivia livre, alegre e feliz, dançando nos campos, nos montes, nos bosques, nos jardins e nas praias. Um dia a Rainha das Fadas chamou-a e disse-lhe: - Oriana, vem comigo. E voaram as duas por cima de planícies, lagos e montanhas. Até que chegaram a um país onde havia uma grande floresta. - Oriana - disse a Rainha das Fadas - entrego-te esta floresta. Todos os homens, animais e plantas que aqui vivem, de hoje em diante ficam à tua guarda. Tu és a fada desta floresta. Promete-me que nunca a hás-de abandonar. Oriana disse: - Prometo. E daí em diante Oriana ficou a morar na floresta. De noite dormia dentro do tronco dum carvalho. De manhã acordava ainda antes das flores e dos pássaros. O seu relógio era o primeiro raio de sol. Porque tinha muito que fazer. Na floresta todos precisavam dela. Era ela que prevenia os coelhos e os veados da chegada dos caçadores. Era ela que regava as flores com orvalho. Era ela que tomava conta dos onze filhotes do moleiro. Era ela que libertava os pássaros que tinham caído nas ratoeiras. À noite, quando todos dormiam, Oriana ia para os prados dançar com as outras fadas.”

A Fada Oriana (2018). Porto: Porto Editora.

Poema escolhido por alunos do 6.º A, Real Colégio de Portugal - Lisboa**Mar**

I
De todos os cantos do mundo
Amo com um amor mais forte e mais profundo
Aquela praia extasiada e nua,
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.

II
Cheiro a terra as árvores e o vento
Que a Primavera enche de perfumes
Mas neles só quero e só procuro
A selvagem exalação das ondas
Subindo para os astros como um grito puro

Poesia (1944). Coimbra: Edição da autora. (<http://purl.pt/19841/1/1920/1920-1.html>)

Poema escolhido por alunos do 6.º A, Real Colégio de Portugal – Lisboa**AUSÊNCIA**

Num deserto sem água
Numa noite sem lua
Num país sem nome
Ou numa terra nua
Por maior que seja o desespero
Nenhuma ausência é mais funda do que a tua

Obra Poética - Mar novo (2003). Lisboa: Editorial Caminho

Excertos escolhidos por alunos do 5.º ano, Colégio Verde Água de Mafra - Professora Noémia Jorge**A VAIDADE DE ORIANA**

Oriana olhou bem para os outros sítios do rio onde se refletiam as árvores. E pareceu-lhe que o reflexo das árvores no rio era mais bonito do que as próprias árvores.

– Se calhar – pensou ela – o meu reflexo é mais bonito do que eu! Como é que eu hei de saber a verdade?

Então lembrou-se do peixe e chamou-o:

– Peixe, peixe, peixe, meu amigo!

P

O peixe apareceu e disse:

– Bom dia, Oriana. Aqui estou.

– Peixe – disse a fada –, preciso de ti. Quero saber se o meu reflexo no rio é mais bonito do que eu.

– Nada no mundo é tão bonito como tu – disse o peixe. – Tu és muito mais bonita do que o teu reflexo. Tens os olhos mais brilhantes, o cabelo mais doirado, a boca mais vermelha.

– Achas que sim? – perguntou Oriana.

E ficou a cismar.

A Fada Oriana (2018). Porto: Porto Editora. [p. 37].

ORIANA PERDE AS ASAS

E no mesmo instante, assim como as folhas das árvores no Outono caem dos ramos, assim Oriana viu as suas asas caírem dos seus ombros e ficarem de repente secas e mortas como dois papéis velhos. E o vento passou e levou-as pelo ar. Oriana correu atrás delas, mas já não podia voar e as asas desapareceram. E viu a sua varinha de condão partir-se aos bocados e desfazer-se em poeira, que caiu no chão. E Oriana quis apanhar a poeira, e ajoelhou-se no chão. Mas a poeira já estava misturada com a terra e as mãos de Oriana só conseguiam apanhar terra.

A Fada Oriana (2018). Porto: Porto Editora. [p. 49]

AS LEMBRANÇAS DE FLORINDA

Mas o Rapaz estendeu uma mão e lentamente disse:

– Florinda, lembras-te de mim?

– Ah! Lembro-me, lembro-me de ti! – respondeu ela.

Então o Rapaz de Bronze desceu de sua ilha, saltou o lago e ficou em pé, em frente da rapariga.

– Lembras-te da festa das flores e da clareira e da noite de primavera? – disse ele.

– Lembro-me, lembro-me de tudo agora. Mas eu pensava que era um sonho. Pensava que tudo o que eu tinha visto era extraordinário demais e não podia ser verdade.

– As coisas extraordinárias e as coisas fantásticas também são verdadeiras. Porque há um país que é a noite e um país que é o dia.

– Como o mundo é maravilhoso! – disse Florinda.

E deu a mão ao Rapaz de Bronze e foram os dois através do jardim.

O Rapaz de Bronze (2017). Porto: Porto Editora [p. 47]

A HORA DA PARTIDA

A hora da partida soa quando
Escurece o jardim e o vento passa,
Estala o chão e as portas batem, quando
A noite cada nó em si deslaça.

A hora da partida soa quando
As árvores parecem inspiradas
Como se tudo nelas germinasse.

Soa quando no fundo dos espelhos
Me é estranha e longínqua a minha face
E de mim se desprende a minha vida

Poesia (2017). Lisboa: Assírio & Alvim [p. 71]

Excertos escolhidos por alunos da Escola Básica da Pontinha, Odivelas – Professora Sofia Miranda

Mar Sonoro

Mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim.
 A tua beleza aumenta quando estamos sós
 E tão fundo intimamente a tua voz
 Segue o mais secreto bailar do meu sonho,
 Que momentos há em que eu suponho
 Seres um milagre criado só para mim.

Dia do Mar (2003). Lisboa: Editorial Caminho [p.12]

As Rosas

Quando à noite desfolho e trinco as rosas
 É como se prendesse entre os meus dentes
 Todo o luar das noites transparentes,
 Todo o fulgor das tardes luminosas,

O vento bailador das Primaveras,
 A doçura amarga dos poentes,
 E a exaltação de todas as esperas.

Dia do Mar (2003). Lisboa: Editorial Caminho [p.17].

Instante

Deixai-me limpo
 O ar dos quartos
 E liso
 O branco das paredes
 Deixai-me com as coisas
 Fundadas no silêncio

Antologia (1975). Círculo de Poesia (2ª. edição). Lisboa: Moraes Editores.

P

Liberdade

Aqui nesta praia onde
Não há nenhum vestígio de impureza,
Aqui onde há somente
Ondas tombando ininterruptamente,
Puro espaço e lúcida unidade,
Aqui o tempo apaixonadamente
Encontra a própria liberdade.

Mar novo (2003). Lisboa: Editorial Caminho [p. 26]

A PAZ SEM VENCEDOR E SEM VENCIDOS

Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos
Que o tempo que nos deste seja um novo
Recomeço de esperança e de justiça.
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Erguei o nosso ser à transparência
Para podermos ter melhor a vida
Para entendermos vosso mandamento
Para que venha a nós o vosso reino

Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Fazei Senhor que a paz seja de todos
Dai-nos a paz que nasce da verdade
Dai-nos a paz que nasce da justiça
Dai-nos a paz chamada liberdade
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Dual (1972). Círculo de Poesia. Lisboa: Moraes Editores [p.72].

Os Deuses

Nasceram, como um fruto, da paisagem.
A brisa dos jardins, a luz do mar,
O branco das espumas e o luar
Extasiados estão na sua imagem.

Dia do Mar (2003). Lisboa: Editorial Caminho [p.28].

**Poema escolhido por alunos do 8.º C, Agrupamento de Escolas de Cascais -
Professora Ana Margarida Soares**

Quando

Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta
Continuará o jardim, o céu e o mar,
E como hoje igualmente hão-de bailar
As quatro estações à minha porta.

Será o mesmo brilho, a mesma festa,
Será o mesmo jardim à minha porta,
E os cabelos doirados da floresta,
Como se eu não estivesse morta.

Outros em Abril passarão no pomar
Em que eu tantas vezes passei,
Haverá longos poentes sobre o mar,
Outros amarão as coisas que eu amei.

Dia do Mar (2003). Lisboa: Editorial Caminho [p.77].
Turma 8º C

**Excertos escolhidos por alunos de 3.º ciclo do Agrupamento de Escolas Luís
Sttau Monteiro - Professora Maria de Fátima Nunes Ferreira**

Texto explicativo

Loures, 28 de fevereiro de 2019

Caros colegas,

Envio o documento relacionado com o poema “Deus escreve direito” feito por mim no final do ano letivo de 2014 / 2015 para três turmas do 9.º ano (A, B e C) que me tocaram particularmente enquanto docente, nomeadamente a última.

O outro documento enviado, relacionado com o artigo “E ela dança” escrito pelo filho Miguel de Sousa Tavares, é sempre lido e comentado todos os anos letivos quando determinados poemas da escritora, contemplados no Manual de 9.º ano, são analisados. Gosto particularmente do poema “Porque”, na medida em que vai ao encontro da seguinte dicotomia: a procura da essência individual *versus* hipocrisia social, sendo a primeira defendida acerrimamente por mim.

Nos dias que correm, acredito piamente na necessidade imperiosa de pessoas que façam a diferença pela positiva, como Sophia de Mello Breyner Andresen o fez, colocando os interesses coletivos acima dos interesses individuais. Sem sombra de dúvida, precisamos de pessoas interventivas socialmente.



DEUS ESCREVE DIREITO

Deus escreve direito por linhas tortas

E a vida não vive em linha reta
Em cada célula do homem estão inscritas
A cor dos olhos e a argúcia do olhar
O desenho dos ossos e o contorno da boca
Por isso te olhas ao espelho:
E no espelho te buscas para te reconhecer
Porém em cada célula desde o início
Foi inscrito o signo veemente da tua liberdade
Pois foste criado e tens de ser real
Por isso não percas nunca teu fervor mais austero
Tua exigência de ti e por entre
Espelhos deformantes e desastres e desvios
Nem um momento só podes perder
A linha musical do encantamento
Que é o teu sol tua luz teu alimento

O Búzio de Cós (2002). Lisboa: Editorial Caminho [p.12].

O ditado popular “Deus escreve direito por linhas tortas” (v 1) significa que, por vezes, quando parece que as coisas correm mal, tudo muda, como se houvesse uma razão de ser para elas acontecerem. Normalmente, atribui-se essa mudança a Deus.

O segundo verso “E a vida não vive em linha reta” é uma clarificação do primeiro. A vida tem altos e baixos, coisas boas e coisas más, ou seja, nem tudo corre como as pessoas desejam.

No verso “Por isso te olhas ao espelho:” (v 5), o “espelho” simboliza a consciência, o conhecimento de si mesmo (autoconhecimento). O sujeito poético aconselha o “tu” a não perder os valores, de modo a que a sua vida mantenha um rumo equilibrado e são.

Os versos “Nem um momento só podes perder / A linha musical do encantamento / Que é teu sol tua luz teu alimento.” (vv 14- 16) apelam à fidelidade aos seus valores, aos seus ideais, aos seus objetivos de vida.

“Seja uma pessoa que valoriza a essência, não a aparência, cultive os valores mais profundos e não caia na tentação de se tornar um “super” num mundo de estrelas sem brilho próprio.” (Roberto Shinyashiki)

Felicidades,
da Professora de Português do 3º Ciclo,
Fátima Ferreira

Texto de Miguel Sousa Tavares sobre Sophia

E ELA DANÇA

“Às vezes, quando a casa estava adormecida à noite, ela dançava pela sala fora, tal qual como escreveu (“bailarina fui mas nunca bailei”).
Às vezes, convencia-se que havia ladrões em casa e acordava-me do sono para espreitar debaixo da minha cama, e às vezes havia ladrões a sério, com cara de assassinos e crachá da PIDE, que chegavam pela

alvorada do dia, mas verdadeiramente ela não tinha medo dos ladrões nem dos esbirros do "velho abutre": só tinha medo de fantasmas.

Naquela casa, aprendemos cedo duas coisas sobre a poesia. A primeira, era que os poetas eram todos uns personagens extraordinários, que apareciam a horas imprevistas e diziam coisas surpreendentes. De todos, o mais fantástico era o Ruy Cinatti, que nos convenceu que era o nosso irmão mais velho, regressado de outra vida em Timor e que esteve à beira de conseguir transformar-nos em guerrilheiros contra a precária disciplina familiar. Vinham e iam constantemente poetas tristes ou alegres, cerimoniosos ou tumultuosos e até um, o Ruy Belo, que me levava à Luz ver o Benfica e jogava futebol comigo no jardim.

A segunda coisa sobre poesia que aprendemos é que a poesia é para ser dita e para ser escutada: é oral, não cabe nos livros. Eu não sabia nada de aritmética, nem de botânica ou mineralogia mas, aos dez anos, já tinha aprendido, de ouvido, a recitar sonetos de Shakespeare em inglês do século XVI, ou o "Erl König", do Goethe, em alemão. E quando ela trouxe para casa um disco com poemas do Lorca recitados em espanhol pela Germaine Montero, ouvi-o tantas, tantas vezes, que fiquei a saber de cor o imenso "Llanto por Ignacio Sanchez Mejia". À mesa, entre a sopa e o prato principal, dentro de um automóvel a caminho do sul ou na missa das sete da tarde na Igreja da Graça, de repente ela começava a recitar poesia com a mesma naturalidade com que os outros falavam de coisas triviais ou respondiam em latim ao "orate, frates!" do padre. Às vezes, naquele terror que as crianças têm que os pais pareçam estranhos em público, apetecia enfiarmo-nos pelo chão abaixo quando, à mesa de um café no Chiado, ou numa loja, em plenas compras de Natal, ou caminhando connosco pela rua de mãos dadas (por vezes, distraída, perdia-nos), ela começava a recitar poesia em voz alta, como se o mundo inteiro à sua volta lhe fosse de repente absolutamente alheio. Um dia, no eléctrico a caminho de casa, ela fixou-se num letreiro, por cima de uma janela, que rezava assim: "se alguma janela o incomoda, peça ao condutor que a feche." E então, no meio daquele silêncio envergonhado dos passageiros, que fingem não ver e não se ouvir uns aos outros, ecoou a voz dela, clara e silabada, recitando um poema: "se alguma janela o incomoda, peça ao condutor que a feche e que nunca mais a abra."

A mim, todavia, ensinou-me o mais importante de tudo: ensinou-me a olhar. Ensinou-me a olhar para as coisas e para as pessoas, ensinou-me a olhar para o tempo, para a noite, para as manhãs. Ensinou-me a abrir os olhos no mar, debaixo de água, para perceber a consistência das rochas, das algas, da areia, de cada gota de água. Ensinou-me a olhar longamente, eternamente, cada pedra da Piazza Navone, em Roma,

P

sentados num café, escutando o silêncio da passagem do tempo. Fez-me mergulhador e viajante, ensinou-me que só o olhar não mente e que todo o real é verdadeiro. Quem ler com atenção, verá que esta é a moral que atravessa toda a sua escrita.

A outra lição decisiva foi a da liberdade. Não só a liberdade física, não só a liberdade na luta pela justiça, "num sítio tão imperfeito como o mundo", mas ainda a liberdade na busca de um caminho próprio onde as coisas tenham uma ética e façam sentido e, acima de tudo, a liberdade da nossa própria solidão. Prémios, condecorações, homenagens, são-lhe de tal forma alheios que ninguém mais o entende. Dêem-lhe, sim, silêncio e tempo, manhãs como a "manhã da praça de Lagos" e noites com "jardins invadidos de luar". E ela dançará. Ao longo das sílabas dos poemas, como dançava na minha infância."

Miguel Sousa Tavares
in *Jornal Público*, 12 de Junho de 1999

POR DELICADEZA

Por delicadeza
Bailarina fui
Mas nunca dancei
Em frente das grades
Só três passos dei

Tão breve o começo
Tão cedo negado
Dancei no avesso
Do tempo bailado

Dançarina fui

Mas nunca bailei
Deixei-me ficar
Na prisão do rei

Onde o mar aberto
E o tempo lavado?
Perdi-me tão perto
Do jardim buscado

Bailarina fui
Mas nunca bailei
Minha vida toda

Como cega errei
Minha vida atada
Nunca a desatei
Como Rimbaud disse:
Também eu direi:

"Juventude ociosa
por tudo ilidida
por delicadeza
perdi minha vida"

O Nome das Coisas (2015). Lisboa: Assírio & Alvim

PORQUE

Porque os outros se mascaram mas tu não
Porque os outros usam a virtude
Para comprar o que não tem perdão.
Porque os outros têm medo mas tu não.

Porque os outros são os túmulos caiados
Onde germina calada a podridão.
Porque os outros se calam mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem
E os seus gestos dão sempre dividendo.
Porque os outros são hábeis mas tu não.

Porque os outros vão à sombra dos abrigos
E tu vais de mãos dadas com os perigos.
Porque os outros calculam mas tu não.

Obra Poética II (1998). Lisboa: Editorial Caminho

Poemas escolhidos por alunos do 11.º U, Formação de Adultos, Escola Secundária Alves Martins - Professora Maria Helena Cardoso

Terror de Te Amar

Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo	Que nenhuma estrela queime o teu perfil Que nenhum deus se lembre do teu nome Que nem o vento passe onde tu passas.
Mal de te amar neste lugar de imperfeição Onde tudo nos quebra e emudece Onde tudo nos mente e nos separa.	Para ti eu criarei um dia puro Livre como o vento e repetido Como o florir das ondas ordenadas

Obra Poética (2018). Lisboa: Assírio & Alvim

Para Atravessar Contigo o Deserto do Mundo

Para atravessar contigo o deserto do mundo Para enfrentarmos juntos o terror da morte Para ver a verdade para perder o medo Ao lado dos teus passos caminhei	Cá fora à luz sem véu do dia duro Sem os espelhos vi que estava nua E ao descampado se chamava tempo
Por ti deixei meu reino meu segredo Minha rápida noite meu silêncio Minha pérola redonda e seu oriente Meu espelho minha vida minha imagem E abandonei os jardins do paraíso	Por isso com teus gestos me vestiste E aprendi a viver em pleno vento

Sophia de Mello Breyner Andresen, Livro Sexto –

Excertos escolhidos por alunos do 12.º 5 da Escola Secundária Braamcamp Freire—Professor João Pedro Aido

Terror de te amar

Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo.

Mal de te amar neste lugar de imperfeição
Onde tudo nos quebra e emudece
Onde tudo nos mente e nos separa.

*Coral (1950), Primeira Parte, II. Agora in Obra Poética I, p. 178
(Lisboa: Círculo de Leitores, 1992)
[Escolha de Abigail Neves e Inês Duarte]*

P

A hora da partida

A hora da partida soa quando
Escurece o jardim e o vento passa,
Estala o chão e as portas batem, quando
A noite cada nó em si deslça.

A hora da partida soa quando
as árvores parecem inspiradas
Como se tudo nelas germinasse.

Soa quando no fundo dos espelhos
Me é estranha e longínqua a minha face
E de mim se desprende a minha vida.

Poesia (1944), III. Agora in *Obra Poética I*, p. 61
(Lisboa: Círculo de Leitores, 1992)
[Escolha de Inês Sousa]

Os erros

A confusão a fraude os erros cometidos
A transparência perdida — o grito
Que não conseguiu atravessar o opaco
O limiar e o linear perdidos

Deverá tudo passar a ser passado
Como projeto falhado e abandonado
Como papel que se atira ao cesto
Como abismo fracasso não esperança
Ou poderemos enfrentar e superar
Recomeçar a partir da página em branco
Como escrita de poema obstinado?

O Nome das Coisas (1977), II, 1974-75. Agora in *Obra Poética II*, p. 213
(Lisboa: Círculo de Leitores, 1992)
[Escolha de Carolina Oliveira]

Ausência

Num deserto sem água
Num país sem lua
Num país sem nome
Ou numa terra nua

Por maior que seja o desespero
Nenhuma ausência é mais funda do que a tua.

Mar Novo (1958), II. Agora in *Obra Poética I*, p. 299
(Lisboa: Círculo de Leitores, 1992)
[Escolha de Catarina Santos e Daniela Pichel]

Pudesse Eu

Pudesse eu não ter laços nem limites
 Ó vida de mil faces transbordantes
 Pra poder responder aos teus convites
 Suspensos na surpresa dos instantes.

Poesia (1944), II. Agora in *Obra Poética I*, p. 35
 (Lisboa: Círculo de Leitores, 1992)
 [Escolha de Evandra Embaló]

Barco

Margens inertes abrem os seus braços,
 Um grande barco no silêncio parte.
 Altas gaivotas nos ângulos a pique,
 Recém-nascida a luz, perfeita a morte.

Um grande barco desligado parte
 Esculpindo de frente o vento norte.
 Perfeito o azul do mar, perfeita a morte
 Formas claras e nítidas de espanto.

Um grande barco parte abandonando
 As colunas dum cais ausente e branco.
 E o seu rosto busca-se emergindo
 Do corpo sem cabeça da cidade.

Coral (1950), Segunda Parte, IV. Agora in *Obra Poética I*, p. 236
 (Lisboa: Círculo de Leitores, 1992)
 [Escolha de Filipe Roque]

25 de abril

Esta é a madrugada que eu esperava
 O dia inicial inteiro e limpo
 Onde emergimos da noite e do silêncio
 E livres habitamos a substância do tempo

O Nome das Coisas (1977), II, 1974-75. Agora in *Obra Poética II*, p. 195
 (Lisboa: Círculo de Leitores, 1992)
 [Escolha de Pedro Pires]

P

A pequena praça

A minha vida tinha tomado a forma da pequena praça
Naquele outono em que a tua morte se organizava meticulosamente
Eu agarrava-me à praça porque tu amavas
A humanidade humilde e nostálgica das pequenas lojas
Onde os caixeiros dobram e desdobram fitas e fazendas
Eu procurava tornar-me tu porque tu ias morrer
E a vida toda deixava ali de ser a minha
Eu procurava sorrir como tu sorrias
Ao vendedor de jornais ao vendedor de tabaco
E à mulher sem pernas que vendia violetas
Eu pedia à mulher sem pernas que rezasse por ti
Eu acendia velas em todos os altares
Das igrejas que ficam no canto desta praça
Pois mal abri os olhos e vi foi para ler
A vocação do eterno escrita no teu rosto
Eu convocava as ruas os lugares as gentes
Que foram as testemunhas do teu rosto
Para que eles te chamassem para que eles desfizessem
O tecido que a morte entrelaçava em ti

Dual (1972), I – A Casa. Agora in *Obra Poética II*, p. 102
(Lisboa: Círculo de Leitores, 1992)
[Escolha de Sónia Ferreira]